

A PULSÃO INVOCANTE E OS DESTINOS DA VOZ¹

*Jean-Michel Vives**

*Tradução: Francisco R. de Farias***
*Revisão: Denise Maurano****

RÉSUMÉ :

La pulsion invocante, dont l'objet est la voix, a été proposée par Lacan sans qu'il lui ait jamais consacrée d'importants développements. Ses continuateurs ne semblent pas s'être intéressés à ce nouvel objet dont l'élucidation est pourtant essentielle à la compréhension d'éléments aussi bien métapsychologique (surmoi), cliniques (hallucinations, passions) que processuel (identification). L'auteur propose ici en prenant appui sur sa pratique clinique et les quelques éléments théoriques épars existant dans les textes de S. Freud et de J.Lacan de proposer une lecture, d'une part, du rôle de la pulsion invocante dans la naissance du sujet et dans la dynamique de la cure, et d'autre part d'esquisser les destins de la voix conduisant à la constitution du surmoi.

MOTS-CLÉS: Pulsion invocante. Surmoi. Voix.

¹ Uma outra versão deste texto foi publicada no volume 12, n. 2, junho de 2009, na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* com o título "Para introduzir a questão da pulsão invocante".

* Psicanalista. Mestre de conferências, Université de Nice-Sophia Antipolis 95 Rue Victor Esclangon, 83000, Toulon. Seu livro *Fiat Vox! Musique et psychanalyse* está no prelo.

** Doutor em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas - RJ. Professor adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Autor de *Histeria e Psicanálise, A pesquisa nas ciências do sujeito e Psicose: ensaios clínicos*. Pesquisa atualmente sobre a temática violência, memória social e violência. Email: frfarias@uol.com.br.

*** Psicanalista, membro do Corpo Freudiano - Escola de Psicanálise. Autora de *A face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise* (2001, Imago/Ed.UFJF), *Para que serve a psicanálise* (2003, Zahar), entre outros. É professora adjunta da UNIRIO, Rio de Janeiro.

INVOCAÇÃO

Os psicanalistas abordam pouco a questão da pulsão invocante. Isso pode parecer bastante espantoso visto que é, essencialmente, com ela que eles trabalham na intimidade de seus consultórios. Invocante, ou vociferante, assim como a denominou Lacan, é a primeira a ser destacada e isolada enquanto pulsão. *Invocare*, em latim, reenvia a chamamento. O circuito da pulsão invocante declinar-se-á, pois entre um “ser chamado”, um “fazer-se chamar” (como ocorre a todos os nomes...), um “chamar”. Mas para chamar, é preciso oferecer a voz, depô-la como se depõe o olhar diante de um quadro (LACAN, 1964, p. 93). Para isso, é preciso que o sujeito a tenha recebido do Outro, que terá respondido ao grito interpretado como uma demanda, depois que a tenha esquecido para poder dispor de sua voz sem ser obstaculizado pela voz de Outro.

Penso que se pode, a partir daí, formular a hipótese de que a dinâmica do tratamento, no que concerne à pulsão invocante, é caracterizada por uma modificação do lugar do sujeito no circuito da invocação. Com efeito, no decorrer de um tratamento, seja o sujeito submetido, até esse momento, ao apelo incondicional do Outro, seja na falta desse apelo, descobre-se igualmente apelante e, portanto, desejante. O sujeito entra então numa dinâmica de invocação. Invocação que implica, simultaneamente, o reconhecimento do Outro e sua falta, que esta ausência na presença seja significável, ficando tudo irreduzível é o que Lacan propõe circunscrever no enigmático S (\overline{A}): significante da ausência na presença.

Para poder compreender a especificidade desta pulsão invocante, adotada pelo sujeito do inconsciente, é importante marcar a diferença essencial que existe entre a demanda e a invocação. Na demanda, o sujeito está numa posição de dependência absoluta em relação ao Outro, porque ele lhe favorece o poder de ouvi-lo bem ou não. A demanda é

compreendida como uma exigência absoluta feita ao Outro para manifestar-se aqui-e-agora. Ao contrário, o sujeito invocante é retirado dessa dependência, pois não se trata mais de uma demanda endereçada a um outro, aí disponível, mas bem de uma invocação supondo que uma alteridade possa advir, de onde o sujeito, pura possibilidade, seria chamado a tornar-se. A questão da invocação nos permite repensar as estratégias do “sujeito-suposto-saber”, que no processo, torna-se “sujeito-suposto-saber-que-há-do-sujeito”, e que ao lhe supor o chama a advir. A suposição do psicanalista reduz-se então (mas nessa redução condensa-se toda a ética da psicanálise) ao fato de que, apesar dos sintomas que entravam o paciente, há um sujeito que é chamado a ex-istir.

Para trabalhar essa questão, relatarei rapidamente, alguns aspectos da história de um jovem homem em quem essa dialética do chamado a... e o chamado de ... ocupa um lugar importante no curso dos primeiros tempos de sua análise. Étienne veio se consultar depois de uma tentativa de suicídio ocorrida em estranhas circunstâncias. Depois de ter recebido um telefonema de sua mãe, de quem, uma vez mais, parece ser o objeto de ásperas advertências, – “eu vim me tratar, diz ele, de todos os nomes de pássaros...” –, desliga e impõe-se, então, a ele, a certeza que deve por fim a seus dias... Esse ato não se concretiza, visto que sua companheira o encontrou inconsciente, porém vivo. O que se pode dizer ao sujeito acerca das circunstâncias de sua tentativa de suicídio, durante a nossa primeira entrevista, é que ele ficou sem voz diante das ondulações sonoras das palavras maternas e o mais estranho é que ele não reconheceu a voz de sua mãe, quando esta lhe tinha aparecido estranhamente diferente. Parece interessante que, durante a primeira sessão, o paciente introduza o animal e mais particularmente o pássaro, de quem se tem o hábito de associar à voz, para tentar considerar o que especifica sua relação com a mãe. O animal sendo, absolutamente estranho ao significante, ao ser introduzido logo na nossa primeira entrevista, fez o paciente pressentir que alguma coisa naquilo que escuta do discurso de sua mãe,

escapou ao registro da palavra: o que escapa é a voz. Algumas semanas mais tarde, ele esclarecerá esse aspecto, dizendo: “eu disse, inicialmente, que não tinha reconhecido a voz dela, ora parece-me, mais justo, dizer que ouvi sua voz, mesmo que não saiba muito bem o que eu quero dizer. Com efeito, acrescenta ele, eu a ouvi novamente quase no fim, mas desta vez isso era diferente, eu também falava alto e mais forte que ela”. De fato, “a estranha diferença” da voz de sua mãe, marcada pelo paciente, era antes uma estranha familiaridade (Unheimlich), no sentido em que Freud a analisou no seu artigo de 1920: alguma coisa conhecida, mas que deveria permanecer dissimulada, velada. O retorno da voz materna, na sua dimensão de objeto *a*, provoca então um sentimento de inquietante estranheza.

A certeza de Étienne para se matar, produzida em seguida ao apelo maternal que o invadiu, deve ou não ser considerada como uma manifestação delirante? A questão merece ser colocada, mesmo que a resposta a ser dada a esse respeito não seja definitiva. A questão suscita o delicado problema da afinidade de estrutura entre a alucinação e a instância superegógica na sua dimensão “feroz e obscena”. Este parentesco da estrutura, aliás, não escapou a Freud, em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914c), ao observar que o sintoma dos delírios paranóides e os das neuroses de transferência têm um ponto em comum: uma instância psíquica que “observa sem cessar o Eu real comparando-o ao Ideal (...) Os doentes queixam-se, então, de que as pessoas conhecem todos os seus pensamentos, que os observam e vigiam suas ações”. Dito de outro modo, o funcionamento superegógico tem uma relação com o da alucinação. No caso que nos interessa, esse ponto de junção é particularmente evidente. A partir disso, eu não penso apenas que a certeza que se apodera de Étienne seja essencialmente delirante, mesmo se tal certeza pode disso ter a máscara. Com efeito, o paciente do qual falamos aqui não é totalmente invadido pela voz do Outro, visto que ele pôde, num segundo momento, tentar fugir disso, vindo me consultar. Esta possibilidade de fuga, de ruptura parece testemunhar que a continuidade monstruosa estabelecida entre a voz

do Outro e o mutismo que ela provoca no sujeito, permanece sob a irrupção de um significante instaurador de uma possível descontinuidade entre a parte maldita do sujeito (aquilo que do real não deveria ecoar no simbólico) e a maldição da qual a voz do Outro pode ser o vetor. O sujeito face à voz insultante do Outro, pode momentaneamente, sentir-se reduzido ao dejetivo evocado e pode tentar fazer-se dejetivo, mas para isso, um certo tipo de relação ao simbólico permite-lhe igualmente pressentir que não é apenas isso. É o “não apenas isso” que o paciente vem tentar experimentar no âmbito do tratamento psicanalítico.

REEVOCAÇÃO

Não é surpreendente que o encontro com a dimensão estranhamente inquietante da voz do Outro surja durante uma chamada telefônica. Com efeito, a voz emerge plenamente quando falta a imagem de quem chama. O exemplo, o mais marcante, é a importância dada a voz do analista pelo próprio dispositivo do tratamento proposto por Freud. Com efeito, a passagem da hipnose à psicanálise assinala a passagem da sedução ao amor de transferência, a passagem da importância do olhar à sua destituição, para que surja uma voz. É como se o saber inconsciente, visado pela psicanálise, apenas pudesse se ordenar pela distância a um excesso de ver. Assim, Freud apenas consentiu se desprender de sua posição de mestre-hipnotizador, numa reevocação, quando viu-se diante da injunção de uma histérica que lhe diz: “Cale-se, escute-me”. Maneira radical de dizer “não me dá o que eu não te demando, por que não é o que eu desejo”. Então, percebe-se bem que a apreciação crítica das formulações teórico-clínicas da pulsão invocante encontra-se no princípio mesmo da conduta do tratamento colocado no âmbito de sua prática. A situação em que Étienne está implicado, no momento de sua tentativa de suicídio, é o negativo da situação analítica: ao som mais alto da voz materna, responde o silêncio do analista, não o silêncio mortífero anterior à palavra,

mas o silêncio no qual o sujeito do inconsciente possa supor ao Outro o saber de sua possível assunção: à impossibilidade de falar do paciente face às injunções maternas, responde a regra fundamental ordenando-lhe dizer, sair de seu mutismo, dar-lhe voz.

O suicídio que é, no caso desse paciente, a resposta do sujeito ao encontro da voz do Outro, na sua dimensão de apelo incondicional, nos confronta aqui com uma possível dimensão mortífera da voz materna quando se manifesta essencialmente na sua dimensão real, desatrelada de suas amarras simbólicas. Essa voz cativante, que chama a criança e propõe-lhe gozar eternamente da indiferenciação, tem uma representação no mito das sereias. Todos conhecem a história desses seres míticos meio-mulheres, meio-pássaros² (OVIDE, 1966) que conduzem à morte os marinheiros pelo encanto sedutor de suas vozes. Para poder ouvir a voz das sereias, no XII canto da *Odisséia*, Ulisses acorrentou-se ao mastro de seu navio. Após ter colocado um tampão de cera nos ouvidos de seus companheiros, ordenou-os não retirá-lo quaisquer que fossem suas ordens³. As sereias dizem a Ulisses: “vem aqui, vem a nós!... vem escutar nossa voz”. O que importa, de fato, no texto, é que as sereias são apenas vozes que exprimem, nas suas vocalizações, um desejo ao olhar do sujeito; um apelo incondicional que deixa sem voz aqueles que o escutam. Essas vozes veiculam uma promessa de gozo. A voz remetendo o sujeito a um tempo anterior à Lei. Se a voz é aqui mortífera, é que a relação à Lei é salutar ao desejo humano no que ela permite ao percurso desejante perdurar, não se perder

² Uma iconografia tardia popularizou a imagem da sereia sob a forma de um monstro metade mulher-metade peixe. Isso nada tem a ver com as sereias da mitologia grega, pois as sereias são mulheres-pássaros.

A pista das mulheres-peixes pode estar num contexto outro, bem distante, pois, no caso de fracasso, elas estariam condenadas ao afogamento, destino pouco provável para os peixes. Segundo a tradição (Ovídio, *As metamorfoses*, versos 512562) o pai delas é Achiloo (o rio, o mais importante da Grécia, filho do oceano e de Téthys que representa a fecundidade feminina do mar) e sua mãe Melpomène (a musa da tragédia “aquela que conduz o canto”). Este misto do arcaico oceânico e da silhueta apolineana põe, claramente, o perigo que elas representam: elas se servem da arte sedutora do canto para atrair os humanos ao abismo da origem e aí perderem-se.

³ Pablo Picasso propõe, em 1946, uma interpretação, no mínimo, irônica do mito em seu quadro *Ulisses e as sereias*, exposto no museu de Antibes. Com efeito, ele colocou tampões nas orelhas do herói que tinha se gabado de ter tido acesso a esse saber, ao qual nenhum teria tido acesso. Ulisses nada teria ouvido! Podemos, mais eficazmente, denunciar o cômico da intumescência fálica?

em ilusões de reencontros. Mas como o homem nunca pode, totalmente, acomodar-se a esta lógica da renúncia, ele é sempre tentado por esta voz do gozo que o convida a reatar-se com o arcaico, com o tempo mítico em que o desejo ainda não tinha sido atualizado. É nesse ponto onde se encontra a força das sereias que mantém uma cumplicidade no âmago mesmo do homem. A voz da sereia, tal qual a da mãe deste paciente, é o desejo do Outro que busca o sujeito, perdendo-o quando utiliza seu próprio “tropismo” de gozo: “desejo de não desejo”, para retomar a fórmula de Piera Aulagnier. Do mesmo modo que a voz, enquanto tal, oculta-se na significação no ato da palavra, (“o que dizemos fica esquecido por trás do que se diz naquilo que se escuta”, LACAN, 1973), na sereia, a voz ocupa o que está antes da cena, fazendo pura materialidade sonora. Tornando-se real, próxima ao grito, a voz brada a quem quer ouvi-la: “goze, nós o ordenamos a ti! Que ninguém te pare! A ti o saber absoluto!”

Eis uma das expressões clínicas do supereu “feroz e obsceno” que pode impelir o sujeito a esvanecer-se no gozo. Lacan formulou assim a injunção superegóica: “o Supereu é o imperativo do gozo: goze! (1972, p. 10). Nesse caso, o Eu encurralado pela pressão vocal superegóica, comete, contra si mesmo, atos de uma rara violência. O suicídio representa então a satisfação parcial na trilha que conduz o sujeito à miragem de um possível gozo sem limites. Compreende-se, então, como o escreve Freud (1923, p. 268), que em certas situações, pode reinar, no Supereu, uma pura cultura da pulsão de morte: “o que agora (no caso da melancolia) reina no Supereu, é uma pura cultura da pulsão de morte e, na verdade, o Supereu triunfa muito freqüente em levar o Eu à morte”. No caso desse paciente, o estofo desse Supereu reduz-se a um fragmento de voz desatrelado de suas amarras simbólicas, o mais próximo do objeto errático denominado, na teoria lacaniana, objeto *a*.

Diante dessa injunção, o paciente ficou sem voz, afundando-se num silêncio que qualificamos, seguindo A. Didier-Weill (1995, p. 43), de silêncio de abismo. Contrariamente, às trevas que são arrancadas, pelo “Fiat lux” (faça-se luz), do silêncio que as

nomeia e as transforma em “noite”⁴ (CHOURAQUI, 1992), esse abismo designa um ponto do real impossível a qualquer tentativa de nomeação ulterior à existência. Silêncio mortífero, presença absoluta que ainda não teria a efração da pulsação criada pela alternância presença/ausência. O *infans*, aquele que ainda não acedeu à palavra, é então convocado por esse silêncio. O paciente emudecido diante dessa voz arcaica encontra no apelo de ajuda, endereçado ao psicanalista, uma primeira possibilidade de gerir a situação de outra maneira além da passagem ao ato suicida. Tão logo escuta novamente essa voz, desta vez, ele grita, o que lhe permite, como um novo Orfeu, cobrir com seu canto, as vozes das sereias. Observa-se que o paciente em questão não fala ainda diante de sua mãe, ele grita. Isto é, que ele tenta cobrir a voz da mãe com a sua. A esse mesmo respeito, um colega relatou-me o caso de uma jovem paciente, formada em música, que escolheu tocar órgão como sendo o único instrumento capaz de cobrir a voz materna. A dimensão musical que pode domar a voz é particularmente explicitada pela lenda dos argonautas embarcados para conquistar o carneiro de ouro sob o comando de Jason⁵. Esse herói demanda ao poeta-cantor Orfeu acompanhá-lo para tornar seus companheiros surdos às perniciosas vozes das sereias. O que foi feito. Essa lenda mostra-nos em que o canto (mistura de voz e linguagem) é o que permite fazer calar a voz ou, pelo menos, permite ensurdecê-la. O canto não é, então, o que há de melhor para exemplificar a voz como objeto, sendo, tanto mais, a reevocação da voz, o que permite de

⁴ 2 a terra era caos,
 escuridão à beira do abismo,
 mas o sopro de Elohîms pairava
 nas superfícies das águas.

3 Elohîms diz: “advirá uma luz”.
 E é uma luz.

4 Elohîms vê a luz: qual bem!
 Elohîms separa a luz das trevas.

5 Elohîms cria a luz: “Dia”.
 Às trevas, ele criara: “Noite”.

E uma tarde e uma manhã: um dia.

⁵ Cf. versão francesa de Apolônio de Rhodes, *Argonautiques*, canto I, versos 492 e 568, canto II, versos 595 e seguintes.

mantê-la a distância. O canto é um domador-voz, (*dompte-voix*) como o quadro de pintura, segundo Lacan, é um domador-olhar (*domprte-regard*) (LACAN, 1964, p. 97). O que leva J. A. Miller (1989) a afirmar: “se falamos, se fazemos nossos colóquios, se conversamos, si cantamos e se escutamos os cantores, se fazemos música e se escutamo-la (...) é para fazer calar o que merece ser chamado a voz como objeto *a*”. Assim quando a voz se desvela como apelo impossível de ser respondido, o sujeito é, então, confrontado ao real. Pode então, seja, escolher ingressar (*d'échoir*)⁶ no simbólico, “abrindo a sua garganta” como esse paciente podia fazê-lo, ou decair (*déchoir*) no real, tonando-se o “lixo”, o “dejeito”, “a merda”, retomando os termos de outro paciente que acreditava ser tais coisas ao se submeter aquilo que interpreta como sendo o desejo do Outro.

CONVOCAÇÃO

Lacan propôs uma nova dialética das pulsões, ao conferir à invocação, como ao olhar, o estatuto de pulsão. Juntamente com o objeto oral e o objeto anal, articulados à demanda – o objeto oral é associado à demanda ao Outro e o objeto anal, à demanda do Outro –, Lacan introduziu o olhar e a voz articulados ao desejo – o olhar associado ao desejo ao Outro e a voz ao desejo do Outro.

A voz que vem do outro é a manifestação de seu desejo. Igualmente, é o desejo que se tem dele, o que leva Lacan (1965-66) a afirmar:

o objeto *a* é diretamente implicado quando se trata da voz e isso no nível do desejo. Se o desejo funda-se como desejo do Outro, esse desejo enquanto tal manifesta-se no nível da voz. A voz não apenas o objeto causal, mas o instrumento pelo qual se manifesta o desejo do Outro. O termo é

⁶ NT. O autor joga com a homofonia das expressões *d'échoir* e *déchoir* que, perdem a intenção por ele preconizada quando são traduzidas.

perfeitamente coerente, constituindo, se posso dizê-lo, o ápice em relação aos dois sentidos da demanda, seja ao Outro, seja vinda do Outro.

Lacan, nessa citação, utiliza o termo demanda. Eu penso que a partir da distinção proposta, acima, entre demanda e invocação, o termo invocação seria aqui mais conveniente. Na verdade, a voz é um objeto completamente particular na lista dos objetos pulsionais, pois concerne, menos, a demanda do que ao desejo do Outro. A demanda do Outro concerne ao objeto anal. Certamente, a voz pode ser analisada como o mostra a relação entre certos amantes da opera e as “gravações” pelas quais tentam conservar, invejosamente, a voz roubada nas representações. Por tanto, essa “dejeção” da voz é apenas o pior que pode acontecer. Com efeito, ao mamilo, ao excremento e ao olhar que dividem o corpo, opõe-se voz que tal “dejeção” subjetiva. Por sua musicalidade, a voz é o meio de transmissão da linguagem e da palavra. Para ilustrar isso, parece-me necessário retornar, uma vez mais, ao instante mítico do nascimento do sujeito, enfatizando o papel da voz do Outro.

O *infans* nas origens de sua existência, sob o efeito de uma tensão endógena impossível de ser gerida, devido ao seu desamparo, lança um grito. O grito do recém-nascido não é, inicialmente, um apelo, sendo somente a expressão vocal de um sofrimento. Somente tornar-se-á apelo, pela resposta da voz do Outro, onde sinaliza seu desejo: “que queres tu que eu te queira?”. O sujeito é aqui chamado a ser. Em outras palavras, ele não é um produto natural. Para existir é preciso o Outro convocá-lo (no duplo sentido de apelo e nomeação). Pela invocação do Outro, o significante entra no real e produz o sujeito enquanto efeito de significação, sob a forma de resposta. Com a resposta do Outro, o grito puro (*pur*)⁷ tornar-se-á grito para (*pour*). A voz do Outro introduz o *infans* à palavra, fazendo-lhe perder, para

⁷ NT. O autor utiliza-se da homofonia *pur e pour* que perde o sentido na tradução.

sempre, a imediatez da relação à voz, como objeto. A materialidade do som será, a partir de então, irremediavelmente velada pelo trabalho da significação. A palavra faz calar a voz. A linguagem esburaca o corpo, marcando o ser vivo. Implica a apropriação do sujeito pela linguagem e não o contrário. Portanto, esse velamento da voz não permanecerá incólume, visto ser aquilo que permite ao sujeito advir. Na verdade, sem esse velamento, primeira possibilidade para o sujeito dar-se a voz ficaria submetido às ferozes injunções da voz do Outro captadas então no real. Para dizê-lo, de forma contundente, a voz do Outro invoca o sujeito, sua palavra o convoca. É numa certa desposseção do grito que o *infans*, simultaneamente, perde e encontra sua voz. A partir daí, a voz é o real do corpo que o sujeito consente perder para falar: a voz é este “objeto caído do órgão da palavra” (LACAN, 1973-74).

O circuito da pulsão comporta assim dois tempos:

a) Ao grito do *infans*, o Outro responde, chamando-o a advir como sujeito solicitando dele: “Torna-te!”

b) A partir daí, o *infans* não terá mais acesso diretamente à materialidade vocal que ficará, no melhor dos casos, velada pelo processo de significação. A busca da voz como objeto pode então acontecer. O *infans*, ao perder voz como objeto que se torna invocante, entabula seu processo de subjetivação e impulsiona seu percurso desejanste: “Retorna!”

No curso do encontro entre a palavra do Outro, suportada por uma voz e o grito do *infans*, é transmitido, de uma parte, uma lei simbólica fundada nas escansões próprias da linguagem e, de outra, e ao mesmo tempo, uma subversão desta lei. A pura continuidade é sempre ativa no âmago da palavra. Continuidade produzida pela voz da mãe que mina sua palavra àquela a qual o *infans* é confrontado, mas também pura continuidade do grito do *infans* – aqui a diferenciação entre a voz do *infans* e a da mãe é praticamente nula – que tende abolir a descontinuidade que transmite a inteligibilidade do sentido. A esta continuidade, o

infans, para advir, deverá poder tornar-se surdo. Deverá ficar surdo ao canto da sereia, para ouvir apenas o canto da poetisa que o convida a advir. Esta surdez criará, no âmago do psiquismo, o que proponho chamar, um ponto surdo. Ponto surdo – no sentido em que se fala de ponto cego para a visão – que eu definirei como o lugar onde o sujeito, para advir como falante, deve, enquanto futuro emissor, poder esquecer que é receptor do timbre originário. Deve poder tornar-se surdo ao timbre primordial para falar sem saber o que diz, isto é, como sujeito do inconsciente. Para tornar-se falante, o sujeito deve adquirir uma surdez a este outro que é o real do som musical da voz. Do mesmo modo que um ponto cego estrutura a visão, a aquisição de um ponto surdo – constituído pelo recalçamento originário – é necessário para ser possível ouvir e falar. Levanto a hipótese de que essa surdez estrutural é aquilo pelo qual somos protegidos da alucinação auditiva. O sujeito que era invocado pelo som originário, tornar-se-á, pela palavra, invocante. Nessa reviravolta de situação, o sujeito conquistará sua própria voz. Para fazer-se ouvir, é preciso que cesse a escuta da voz originária: é preciso que ele conquiste um ponto de surdez que lhe permitirá, paradoxalmente, invocar, isto é, formular a hipótese de que há um não-surdo para ouvi-lo. Para tornar-se falante, o sujeito constitui-se como um esquecido da voz do Outro. Mas, esse esquecimento não é uma forclusão: se o sujeito foi obrigado, radicalmente, a esquecer a “mensagem” do som originário, não esqueceu o ato que fez dele um esquecido. A voz primordial tornou-se “inaudita”. É nesse ponto surdo que a pulsão invocante procede à subjetivação do *infans*: o *infans* deve permanecer surdo ao apelo da voz do Outro, mas é esse excesso que trabalhando e minando sua palavra, possibilitará seu investimento. Para dizer de outra maneira, é bem porque existe um lance, de gozo na apropriação da palavra que o sujeito poderá ser investido apesar dos inconvenientes do corte que são o mal-entendido e a maldição, ou má-edição (“mal (é) diction”).

Sem esse ponto de gozo ligado ao aquém da palavra que é a voz, não há ponto de assunção sonora do sujeito possível. Após ter ressoado ao timbre da voz do Outro e tê-lo

ao curso do processo do recalçamento originário, ao mesmo tempo, afirmado (Bejahung) e rejeitado (Ausstossung), o sujeito deverá poder tornar-se surdo disso para produzir seu som. Assim, num segundo tempo, a voz do sujeito como enunciação apoiar-se-á nessa possibilidade de ter sido surdo a essa voz. Portanto, o próprio princípio da pulsão invocante mostra que o sujeito do inconsciente não esqueceu que, para tornar-se invocante, foi preciso tornar-se surdo à pura continuidade vocal do Outro.

Assim, a operação do recalçamento originário permite à voz permanecer em seu lugar, isto é, num primeiro tempo inaudível e depois inaudita. Esta surdez à voz primordial permitirá ao sujeito por sua vez advir, ou seja, dar-se voz.

EVOCAÇÃO

Aquele que não terá podido estruturar, por intermédio do recalçamento originário, o ponto surdo, ver-se-á invadido pela voz do Outro. Aquele que não terá tido êxito a ensurdecer-se a esta voz primordial, ficará nisso suspenso e em sofrimento. A voz a qual o sujeito não pode fazer calar, porque não fala, foi imaginarizada pelas maldições das Erínias, que nada dizem, mas perseguem o sujeito, com seus terríveis gritos inarticulados. Voz do gozo que Lacan (1962-63) reaproxima aos gemidos de gozo e de morte do pai da horda primitiva.

A voz arcaica conhecerá um duplo destino, como o descreve o texto freudiano (1925) sobre a negação. Pelos mecanismos de introjeção (introjizierien) e de rejeição (werfen), efetua-se uma clivagem radical, entre o bom e o mal, submetida ao princípio do prazer. Tudo o que é bom é introjetado no interior, tudo que é mal é rejeitado no exterior, o que implica que o que foi rejeitado, (werfen) inicialmente, foi reconhecido como pertencendo ao sujeito. Mas, conjuntamente, outro mecanismo, relativo ao par afirmação-expulsão

(bejahung-ausstossung), não totalmente submetido ao princípio do prazer, permite o encargo de uma relação ao mundo, onde não se trata mais de dois Outros (um bom e um mal), mas de um único clivado.

Esse duplo tratamento será a origem de uma parte do Supereu – trata-se da primeira parte do circuito da pulsão invocante: o Outro endereça-se ao sujeito, mas o sujeito é incapaz de fazer o que quer que seja desse endereçamento. Por outro lado, permitirá a emergência da voz do sujeito, pois para poder ter uma voz, teve que perder a do Outro depois de tê-la aceitado.

De um lado, portanto, a voz será rejeitada (werfen) podendo conhecer o destino de um objeto errático, uma voz fantasma. Essa parte real, não simbolizada, subsistirá como pai morto indestrutível, ameaçando. Isso constituirá as vozes loucas e vociferantes da consciência em relação às quais Freud, em *Totem e tabu* (1912-13, p. 275-276), afirma: “a consciência moral é a percepção interna do rejeitado (Verwerfung, no texto) de moções de desejo particulares existindo em nós; mas o acento recai sobre o fato de que esse rejeitado não precisa referir-se a nada além dele mesmo”. Hipótese pouco explorada, mas particularmente fecunda, como mostra A. Didier-Weill (1995, p. 85-86) que me leva a compreender que uma forclusão (o termo utilizado por Freud em *Totem e tabu*, é Verwerfung, por isso, parece-me justificado portanto falar de forclusão) primordial no lugar onde a voz arcaica retorna como “percepção interna” (o termo aqui ainda é de Freud) de alguma coisa já ouvida que é a voz da consciência. O sujeito acedendo ao real, por essa “percepção interna”, sem mediação significativa, tem a experiência mortífera do mundo de iniquidade que é o mundo sem lei: a lei é, com efeito, a introdução de um significante de alteridade que, interpondo-se entre o real e o sujeito, tem por efeito interditar o real de se oferecer à percepção interna do sujeito, que é simbolizada num dizer. Porém, nem tudo do real pode ser apreendido pelo simbólico. É assim que, aquilo que foi retirado da voz arcaica pelo poder simbolizante do interdito, faz retorno no

real. O significante, permanecendo no simbólico, nunca está no lugar em que o esperamos como o mostra o chiste e, no melhor dos casos, a interpretação, visto que permanecendo no real, está, desde sempre, já nesse lugar como nos ensina a experiência “Unheimlich”. Estranheza inquietante do nunca-e-porém-já-ouvido, expresso por Étienne. Essa parte real da voz, incorporada ao processo da identificação primeira ao pai arcaico, é o elemento constitutivo do Supereu “feroz e obsceno”. Quando a voz do pai arcaico não é pacificada, ela persegue o sujeito com suas terríveis injunções. É o que nos mostra, de uma maneira particularmente dramática, a clínica da psicose: pacientes vagando nos hospitais com o ouvido atarraxado a um transistor para tentar cobrir suas/essas⁸ vozes.

O outro destino da voz do pai será, constitutivo do sujeito do inconsciente graças ao tratamento pelos mecanismos *Bejahung-Ausstossung*. A diferença fundamental entre o funcionamento do par “*introjizierien-werfen*” e o par “*Bejahung-Ausstossung*” consiste no fato de o primeiro par impõe a demarcação de um limite entre o simbólico e o real enquanto que o outro visa a produzir uma continuidade moebiana entre o simbólico e o real. A assunção pela qual o sujeito diz “sim” (*Bejahung*) à voz originária implica que ele paga de sua pessoa para que possa surgir, por um movimento de negativização (*Ausstossung*) desta voz, uma voz Outra passível de ser utilizada. Para dizê-lo de outro modo, o sujeito deve poder, depois tê-la aceitado, esquecer, sem que tenha esquecido do ato de esquecer a voz originária, para falar sem saber o que diz, isto é, como sujeito do inconsciente. Aqui se enlaça, na sua dimensão subjetivante, a pulsão invocante da qual Lacan (1964, p.96), várias vezes, pode afirmar que ela era “a mais próxima da experiência do inconsciente” .

⁸ NT. Jogo de homofonia entre *ses* e *ces* que perde o sentido na tradução.

REFERÊNCIAS

- APPOLONIOS DE Rhodes. *Argonautiques*. Paris : Belles Lettres; 1957. chant I, vers 492 et 568, chant II, vers 595 et suivants.
- CHOURAQUI, A. Entête - *Genèse*. Paris: J.C. Lattés, 1992.
- DIDIER-WEILL, A. Les trois temps de la loi. Paris: Seuil, 1995.
- FREUD, S. (1925). “La négation”. Paris: P.U.F., 1992.
- _____. (1923b). “Le Moi et le Ça”. Paris: Payot, 1981.
- _____. (1920). “l’Inquiétant”. Paris: P.U.F., 1996.
- _____. (1924). “Pour introduire le narcissisme”. Paris: P.U.F., 1982.
- _____. (1912-13). *Totem et tabou*. Paris : P.U.F., 1998.
- LACAN J. L’Étourdit. Silicet, 1973, n. 4, p. 5-52.
- _____. (1962-63). *Le Séminaire Livre X, L’angoisse*. (inédit).
- _____. (1964). *Le Séminaire Livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.
- _____. (1965-66). *Le Séminaire Livre XIII, L’objet de la psychanalyse*. (inédit).
- _____. (1972). *Le Séminaire Livre XX, Encore*. Paris: Seuil, 1975.
- _____. (1973-74). *Le Séminaire Livre XXI, Les Non dupes errent*. (inédit).
- OVIDE. *Les métamorphoses*. Paris : Garnier Flammarion; 1966.
- MILLER J.A. “Jacques Lacan et la voix”. In: *La voix*. Paris: La Lysimaque, 1989.

A PULSÃO INVOCANTE E OS DESTINOS DA VOZ

RESUMO:

A pulsão invocante, cujo objeto é a voz, foi proposta por Lacan sem que ele nunca lhe tenha consagrado importantes desenvolvimentos. Seus continuadores não parecem estar interessados nesse novo objeto, do qual a elucidação é deveras essencial para a compreensão de elementos, tanto metapsicologicamente (supereu) clínicos (alucinação, paixão) quanto processual (identificação). O autor propõe aqui, apoiando-se na prática clínica e em alguns elementos teóricos esparsos existentes nos textos de Freud e de Lacan, uma leitura – por um lado, do papel da pulsão invocante no nascimento do sujeito e na dinâmica do tratamento, e, – por outro, esboçar os destinos da voz na constituição do supereu.

PALAVRAS-CHAVE: Pulsão invocante. Supereu. Voz.

INVOCATORY DRIVE AND DESTINATIONS VOICE

ABSTRACT:

The invocatory drive, whose have the voice as object, was proposed by Lacan without major developments. His followers do not seem interested in this new object, the elucidation of which is very essential to understand his elements, both metapsychologically (Superego) clinical (hallucinations, passion) and procedural (identification). The author proposes from the clinical practice and some theoretical scattered elements existing on Freud and Lacan texts, a reading - primarily the invocatory drive function on the subject birth and the treatment dynamics, - secondly, to outline the destinations of the voice in the superego formation.

KEYWORDS: Invocatory Drive. Superego. Voice.

Recebido em 20/05/2009

Aprovado em 10/06/2009

© 2009 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura
Campus Universitário – ICH – Bairro Martelos
Juiz de Fora, MG - Brasil
Tel.: (32) 2102 3117

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista